

A JAQUEIRA

AUTOR: PAFÚNCIO

Em 1990, trabalhávamos na extinta 16ª DRR em Paranaguá, uma delegacia de médio porte que atendia aos municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes e, claro, o município sede, na época sob orientação do delegado Gilberto Della Coletta.

O considerável número de funcionários que trabalhava em grande harmonia criou um ambiente agradável e surgiu então a idéia de se fundar a associação regional. Embora muitos funcionários morassem em Curitiba, uma rápida reunião depois do expediente definiu a primeira diretoria da AFISGUÁ.

Caçula da família e “prima pobre” na linhagem, a AFISGUÁ contou com subsídio da “entidade mãe” e contribuições dos novos associados para adquirir um imóvel, na verdade o que era uma residência, para abrigar sua sede. Embora de boa qualidade, já é de se imaginar, a casa não tinha estrutura ideal para tal finalidade.

Em dezembro daquele mesmo ano, às vésperas do Natal, decidimos promover nosso jantar de confraternização em “nossa casa”, afinal, tínhamos uma sede, ou não?

Como já citei anteriormente, por sua concepção original, no imóvel havia apenas dois banheiros, um interno e outro no grande espaço coberto na área da churrasqueira. Convencionamos então que o interno seria destinado às damas e o externo ao público masculino.

Noite da festa, colegas com seus familiares e alguns poucos convidados foram chegando. Clima ameno, sem chuva, todos da casa colaborando primorosamente, cada um com seus atributos para que evento de tamanha envergadura alcançasse o esperado sucesso. Ambiente devidamente decorado, grandes mesas com toalhas brancas, pratos talheres e copos dispostos com esmero. De um lado a tradicional e indispensável mesa de frutas tropicais e do outro um elegante barzinho com vinho e alguns destilados, ladeado por duas enormes caixas de isopor repletas de gelo e, claro, garrafas de cerveja e refrigerantes. Da churrasqueira, magistralmente pilotada pelo festeiro colega Roberto Rozalinski (Beto), já emanava o tentador aroma do

suculento churrasco. Ao fundo, pouco iluminado, um bonito quintal onde, entre outros arbustos, erguia-se, majestosa, uma exuberante jaqueira.

Tudo correu na mais perfeita ordem. Ambiente acolhedor, clima cordial entre os partícipes, crianças correndo e gritando esfuziantemente, abraços calorosos, os mais efusivos e auspiciosos votos de boas festas e futuro promissor, tudo como se espera de grandes eventos dessa natureza.

Adianto que não participei ou sequer presenciei o episódio que aqui vou narrar. Quem me contou foi minha mulher e de antemão advirto que, mesmo sob tortura, não revelo o nome da protagonista ou de nosso colega, seu consorte; afinal, irascível que é ele, vamos acabar apanhando, elas e eu.

Depois do jantar, alguns convivas já sentiam o efeito diurético da cerveja ou dos refrigerantes e a fila aumentava em ambos os banheiros. Foi aí que a esposa de um de nossos colegas, aquela que melhor se entrosou com a minha, teria desabafado quase em desespero:

_ Dane-se! Quem já viu não se admira; quem nunca viu não sabe o que é. Vou-me aliviar atrás da jaqueira mesmo!

Não sei se é verdade ou farsa fundamentada na cumplicidade feminina, mas minha mulher jura que a ameaça não foi concretizada.